

Assembleia geral da



APUR

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DO RECONCAVO

dia 13/05 às 9h
Auditório da PPGCI

Pauta:

- 1. Informes**
- 2. Indicativo de greve nacional dos docentes IFES**
- 3. O que ocorrer**

APUR PARTICIPA DE ATO CONTRA A VIOLÊNCIA ÀS MULHERES



Na tarde dessa terça-feira (5), a Associação dos Professores Universitários do Recôncavo (APUR) participou, juntamente com estudantes e professores da UFRB, e representantes do coletivo de mulheres de Cruz das Almas, de uma passeata contra a violência às mulheres. O ato, que saiu da reitoria rumo ao centro da cidade, foi uma resposta às diversas ocorrências de violência contra as discentes da UFRB, em especial o caso mais recente de estupro sofrido por uma estudante, abordada em sua própria residência.

Uma das organizadoras do ato, Nayara Aguiar, membro do Diretório Acadêmico de Engenharia Florestal (DAEF), explicou que, além da repetição dos atos de violência contra as mulheres, um fator que motivou a organização da passeata foi o fato de muitas pessoas duvidarem da palavra da vítima recente de estupro. “A gente quer mostrar que esses atos de violência realmente acontecem, e têm sido repetitivos. Já foram três casos de colegas universitárias em menos de três meses”, completou Nayara.

Em uma carta que foi entregue às autoridades do município de Cruz das Almas (prefeitura e promotoria), os manifestantes reivindicam a criação de uma Delegacia Especializada para Atendimento a Mulheres (DEAM), de uma ação mais efetiva das autoridades competentes no combate e prevenção dos atos de violência contra as mulheres, e também solicitam uma audiência pública com as autoridades institucionais competentes junto aos representantes do Ato Contra a Violência à Mulher e Falta de Segurança Pública no Município de Cruz das Almas.

Sempre atuante na luta pelos direitos de todos e todas, a APUR se mostrou solidária à situação das mulheres da UFRB e de Cruz das Almas. Para a diretora executiva da APUR, Ana Cristina Givigi, é necessário mais que um sentimento de pesar, é preciso agir. “Nós da APUR sentimos muito os atos de violência que têm acontecido, mas não sentimos com uma sensibilidade sem exercício político, nós entendemos que é hora de protestarmos e pedirmos que o Estado se alie à universidade na construção de políticas institucionais de proteção à mulher e de garantia da vida das nossas discentes, que são mais vulneráveis no caminho da universidade, mas não só dessas discentes, mas das mulheres de Cruz das Almas, onde essa universidade tem a sua reitoria”, colocou Ana Cristina.



E A UFRB NESSA DISCUSSÃO?

Segundo Ana Cristina Givigi, é preciso entender a universidade como o lugar que forma cidadãos e cidadãs, mas que, para isso, é mais importante formar uma pessoa capaz de iniciativas políticas autônomas, do que uma excelência e competência para o mercado, pois isso dará mais capacidade de enfrentar desafios profissionais, humanos, sociais, estéticos e políticos. “Na medida em que uma universidade não tem clareza da diversidade de gênero, e não tem clareza das diferenças que são apropriadas como desigualdades no interior de uma sociedade, ela não cumpre seu papel social, ela não cumpre seu papel de ser uma universidade”, sentenciou a professora.

Ana Cristina ainda colocou que os currículos da UFRB não estão preparados para a formação em gênero e sexualidade; que não tomam como primordial essa qualificação para a formação de um agente social, nem mesmo nos cursos das ciências sociais e humanas. “Nós temos também dificuldades da formação do quadro de servidores técnicos e docentes. Não nos enganemos, nós docentes também não estamos prontos para lidar com as diferenças de gênero, não basta bom senso, não basta criticidade, é preciso qualificação profissional, é preciso uma política de formação continuada, é preciso acesso de docentes e técnicos administrativos a mecanismos formativos. A UFRB também não tem um empenho institucional em fazê-lo”, afirmou a diretora executiva da APUR.

Alanie Ramos, Coordenadora Geral do CCS pela gestão Motiró, do Coletivo Central Estudantil, afirmou existirem relatos de meninas que são estupradas por colegas de curso; e a universidade não coloca isso em debate. “A gente não tem uma política de discussão das questões de gênero para empoderar as nossas mulheres e nem para educar os homens que estão dentro dessa universidade; porque eles entram e saem daqui com o mesmo pensamento machista, a gente não está fazendo o processo dialético mesmo, de discutir essas questões e colocar eles no mundo como profissionais e pessoas melhores”, pontuou Alanie.

A discente defende a existência de um projeto de emancipação da mulher, e que isso seja promovido pela universidade, pois, às vezes, as próprias mulheres não têm consciência das variadas violências que sofrem pelo simples fato de serem mulheres. Por isso a necessidade de promover debates e todo o tipo de ação institucional. “Que a gente esteja empoderada lá fora e aqui dentro, porque a gente vai para rua, mas se eu vou para rua e não tenho a consciência de que estou sendo oprimida por ser mulher, eu passo a achar que se eu sou estuprada a culpa é minha, eu passo a achar que se eu ando com roupa curta eu sou uma vadia, e a gente tem que dizer para as meninas aqui dentro da universidade que não, você não é a sua roupa, sua roupa não define seu caráter e você não merece ser estuprada, nenhuma de nós merece”, defendeu a discente.

A passeata foi organizada pelos Diretórios Acadêmicos de diversos cursos da UFRB de Cruz das Almas, e contou com o apoio da APUR, dos discentes dos outros campi da UFRB, da gestão Motiró e do Coletivo de Mulheres de Cruz das Almas.



SOLIDARIEDADE AOS/ÀS EDUCADORES/AS DO PARANÁ E AO SEU SINDICATO



Foto Joka Madruga

A Associação dos Professores Universitários do Recôncavo (APUR) solidariza-se com as/os professoras/as do estado do Paraná e com seu sindicato, diante das violências sofridas durante as manifestações em favor da educação pública e dos direitos conquistados.

O tratamento desproporcional – bombas de gás, cães, armas e cassetetes – desigual e violento da polícia militar, sob o comando do governo, evidencia o descaso e autoritarismo com que é tratada a educação neste estado. A garantia à manifestação em favor de direitos é legítima e a luta contra o desmonte vergonhoso da previdência, empreendido pelo governador paranaense, deve e precisa ser pública.



Foto Paulo Lisbo

A violação a estes direitos, não só pelo caráter repressivo, mostra a cultura autoritária e as relações conservadoras que os governos já deveriam ter abandonado após tantas décadas de sangue derramado neste país pela conquista de direitos civis e políticos básicos.

Afirmamos nosso repúdio ao tratamento dado à educação e educadores, e nossa solidariedade àqueles que bravamente ocuparam, e com isso alargaram o espaço público, reconhecendo que os direitos e as liberdades, bem como a construção de um país que respeita as diferenças e promove igualdades de oportunidades, deve ser feito com luta. Incentivamos o avanço da organização, a ocupação das ruas e praças, o fortalecimento da luta e a cidadania ampliada até os limites desta organização.

Nenhum corte aos direitos! Por uma educação pública e de qualidade!

APUR

GOVERNO NÃO APRESENTA RESPOSTA À PAUTA DOCENTE



Foto ANDES-SN

Nessa quarta-feira (6), Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) se reuniu com os representantes da Secretaria de Relações do Trabalho do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (SRT/Mpog). Infelizmente, os representantes não apresentaram nenhuma resposta à pauta de reivindicação já protocolada pelo ANDES-SN.

O ANDES-SN publicou em seu site um extrato da reunião. Segundo consta, a falta de resposta dos representantes do SRT/Mpog foi muito criticada pelo Sindicato, e chamou a atenção para o fato de o calendário sugerido pelo próprio Ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, ter apontado que em abril o governo estudaria as reivindicações e o limite orçamentário para iniciar as negociações já no mês de maio.

Outro ponto criticado e questionado pelo ANDES-SN, na pessoa da 1ª vice-presidente Marinalva Oliveira, foi a ausência de representantes do Ministério da Educação (MEC) na reunião. Na visão de Marinalva Oliveira, a presença do MEC era fundamental, haja vista que o Sindicato reconhece o MEC como interlocutor oficial do governo no que se refere às pautas sobre a educação, bem como porque o Mpog, sozinho, não teria condições de responder a diversas demandas.

A recusa de o governo negociar de forma efetiva a pauta dos docentes (já que o processo de negociação com o ANDES-SN foi suspenso no ano passado) também foi pontuada na reunião. Tal recusa, na avaliação de Marinalva Oliveira, tem intensificado a indignação e descrença dos docentes.



Foto ANDES-SN

O ANDES-SN pautou a reestruturação da carreira, a valorização salarial, a necessidade de solução efetiva à precarização das condições de trabalho e da infraestrutura nas Instituições Federais de Ensino (IFE), cobrou do Planejamento a previsão de abertura de vagas para docentes e técnicos nas IFE para 2015 e 2016, e também colocou a necessidade de correção das perdas salariais dos aposentados.

O secretário Sérgio Mendonça atrelou a discussão da reestruturação da carreira ao seu impacto financeiro. De acordo aos representantes da SRT/Mpog, uma nova reunião sobre a pauta específica dos docentes pode acontecer em junho, quando terão possibilidade de fazer uma avaliação do espaço orçamentário.

Para a secretária geral do ANDES-SN, Claudia March, a reunião não apresentou elementos e novos e atestou a estratégia do governo em postergar a negociação. Em suas palavras publicadas no site do ANDES-SN, a secretária afirma: “Nós dissemos tudo o que o conjunto da categoria vem construindo de reflexão sobre o aprofundamento dos processos de precarização de condições de trabalho, sobre a questão que o impacto que a desestruturação da carreira tem no cotidiano dos docentes, sobre outras questões como a autonomia universitária e a defesa da educação pública. Eles só nos ouviram e não apresentaram nada de concreto, apenas um calendário que se estende por três meses, com previsão de nova reunião apenas em junho”.

QUEM SOU EU?

(...)

O que sou e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
Posto que já veja irados
Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições
Contra as minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual Grilo
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
Desta arenga receosos,
Hão de chamar-me tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu, que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode,
Pouca importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muita vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos ,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas,
Deputados, senadores,
Gentis-homens, vereadores;
Belas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais.
Gentes pobres, nobres gentes,



Em todos há meus parentes .
Entre a brava militança
Fulge e brilha alta bodança ;
Guardas, Cabos, Furriéis,
Brigadeiros, Coronéis,
Destemidos Marechais,
Rutilantes Generais,
Capitães de mar e guerra,
— Tudo marra, tudo berra —
Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o coro dos Anjinhos
Também há muitos bodinhos. —
O amante de Siringa
Tinha pêlo e má catanga;
O deus Mendes, pelas contas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mito,
Também Fauno foi cabrito.
Nos domínios de Plutão,
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundus e nas modinhas
São cantadas as bodinhas:
Pois se todos têm rabicho ,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse, pois, a matinada,
Porque tudo é bodarrada

Luiz Gama